

FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

SEXTA-FEIRA, 18 DE JANEIRO DE 2008
ANO 87 ★ Nº 28.779

EDIÇÃO BRASÍLIA, CONCLUÍDA ÀS 23H ★ R\$ 2,50

Governo nega risco, mas adota ações antiapagão

Embora negue risco de racionamento, o governo anunciou ações antiapagão. A primeira é regulamentar a contratação de energia de reserva, cuja conta será paga pelo consumidor. A ideia do governo é contratar energia produzida a partir de bagaço de cana por termelétricas.

A segunda é reduzir o consumo de gás da Petrobras, elevando a oferta do produto para as termelétricas.

Nomeado para Minas e Energia, Edison Lobão disse que consultará sempre Dilma Rousseff, da Casa Civil, e defendeu uma usina nuclear no Nordeste.

Págs. B7

FOLHA DE S. PAULO

SEXTA-FEIRA, 18 DE JANEIRO DE 2008

dinheiro B7

Vou consultar sempre a Dilma, afirma Lobão

Novo ministro de Minas e Energia descarta riscos no abastecimento em 2008

Indicado por Sarney, Lobão defende construção de usina nuclear no Nordeste e diz que seu filho, alvo de investigação, é inocente

ADRIANO CEOLIN
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Nomeado ministro de Minas e Energia, Edison Lobão (PMDB-MA), 71, preferiu ontem ser genérico ao tocar em assuntos ligados ao setor elétrico e disse que vai consultar sempre a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, a manda-chuva da área. Ele foi indicado pela bancada do PMDB e teve como seu principal fiador o senador José Sarney (AP).

Em entrevista à **Folha**, afirmou que não haverá dificuldades de fornecimento de energia

em 2008 e defendeu a construção de uma usina nuclear no Nordeste.

Classificando como "especulações" o suposto veto de Dilma ao seu nome, Lobão disse que já se reuniu duas vezes com ela no Palácio do Planalto. A primeira ocorreu minutos depois de ser confirmado no cargo pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. "Vou consultá-la sempre", disse.

Advogado e jornalista, Lobão defendeu-se das críticas de que não estaria preparado para comandar a pasta. Disse que um ministro sempre é político e que Dilma concorda com ele. "Ela, que é uma técnica, exerce uma função política", afirmou.

Lobão demonstrou irritação quando questionado sobre as denúncias contra o seu filho, Edison Lobão Filho (DEM-

MA), que também é seu suplente. A principal delas é que ele teria usado laranjas.

FOLHA - Como foram as primeiras conversas com Dilma?

EDISON LOBÃO - Esclarecedoras. Pedi que ela me fizesse um relato sobre a questão energética no país e, sobretudo, a participação do ministério no PAC [Programa de Aceleração do Crescimento]. A ministra foi autora do modelo energético atual, que está em prática.

Portanto ela é uma fonte que deve ser considerada e consultada sempre que necessário. Não tenho nenhuma vaidade. Vou consultá-la sempre que precisar.

FOLHA - Num discurso no Senado, em julho do ano passado, o senhor disse que haveria um risco iminente

de apagão. O senhor mudou de opinião?

LOBÃO - Hoje, inteirando-me melhor dos planos estratégicos do governo, estou convencido de que não haverá dificuldade no fornecimento de energia em 2008.

FOLHA - O risco oficial tolerável é de 5%, mas o mercado avalla que o risco está na casa de 20% para este ano. Quais são os números do governo?

LOBÃO - Os números do governo são exatamente esses 5%, o risco mínimo. Não estamos trabalhando com outros números.

FOLHA - Quanto de energia o país precisa agregar ao parque gerador para sustentar um crescimento de 5% ao ano?

LOBÃO - Nós teremos até 2030 uma elevação substancial na produção de energia com as novas hidrelétricas que estamos já construindo e outras que serão licitadas. Neste ano e no próximo.

FOLHA - Qual é a capacidade máxima de produção de energia no país?

LOBÃO - Só no Norte do Brasil, nós temos ainda cerca de 130 mil megawatts por construir. Nossa capacidade é ampla em matéria de hidrelétricas. Nós temos de buscar outras alternativas.

FOLHA - O senhor é a favor da construção de mais usinas nucleares?

LOBÃO - Inteiramente favorável. Vou defender isso. Estamos com a autorização do presidente para reiniciar Angra 3 e vamos construir outras usinas nucleares em outros Estados do Brasil.

FOLHA - Em que parte do país?

LOBÃO - Isso haveremos de localizar, mas no Nordeste certamente.

FOLHA - Como o senhor avalia essas notícias de que existe uma guerra entre o PT e o PMDB sobre os postos no setor elétrico?

LOBÃO - Não há nenhuma guerra. Há o interesse de indicar pessoas qualificadas. Tanto o PT faz indicações como o PMDB e outros partidos poderão fazê-lo.

FOLHA - Em alguma medida, essas informações que saíram a respeito de seu filho [o Ministério Público estadual investiga, no Maranhão, se duas empresas pertencem ao suplente de senador Edison Lobão Filho (DEM)] e se, em nome de laranjas, foram usadas em esquema de sonegação] têm a ver com essa disputa?

LOBÃO - Não encontraram absolutamente nada contra o meu nome e partiram então para ferir a minha família. Meu filho é inocente. Ele disse que pretende se licenciar para não ter imunidade parlamentar e cuidar de sua defesa.

FOLHA - O senhor chegou a falar com ele sobre a distribuidora de bebidas Bemar?

LOBÃO - Eu não quero falar sobre esse assunto. Isso é uma questão que ele vai explicar definitivamente. Esse assunto não me pertence [ameaça parar a entrevista].

FOLHA - O senhor já fez várias declarações positivas sobre o presidente Ernesto Geisel. Como o vê em relação ao presidente Lula?

LOBÃO - Cada qual deles têm a sua característica. O presidente Geisel tinha a noção exata de como deveria se proceder o avanço econômico e industrial do Brasil. A energia nuclear, por exemplo, foi uma iniciativa dele. O presidente Lula... eu não preciso falar sobre ele porque o Brasil inteiro conhece os êxitos do governo dele.

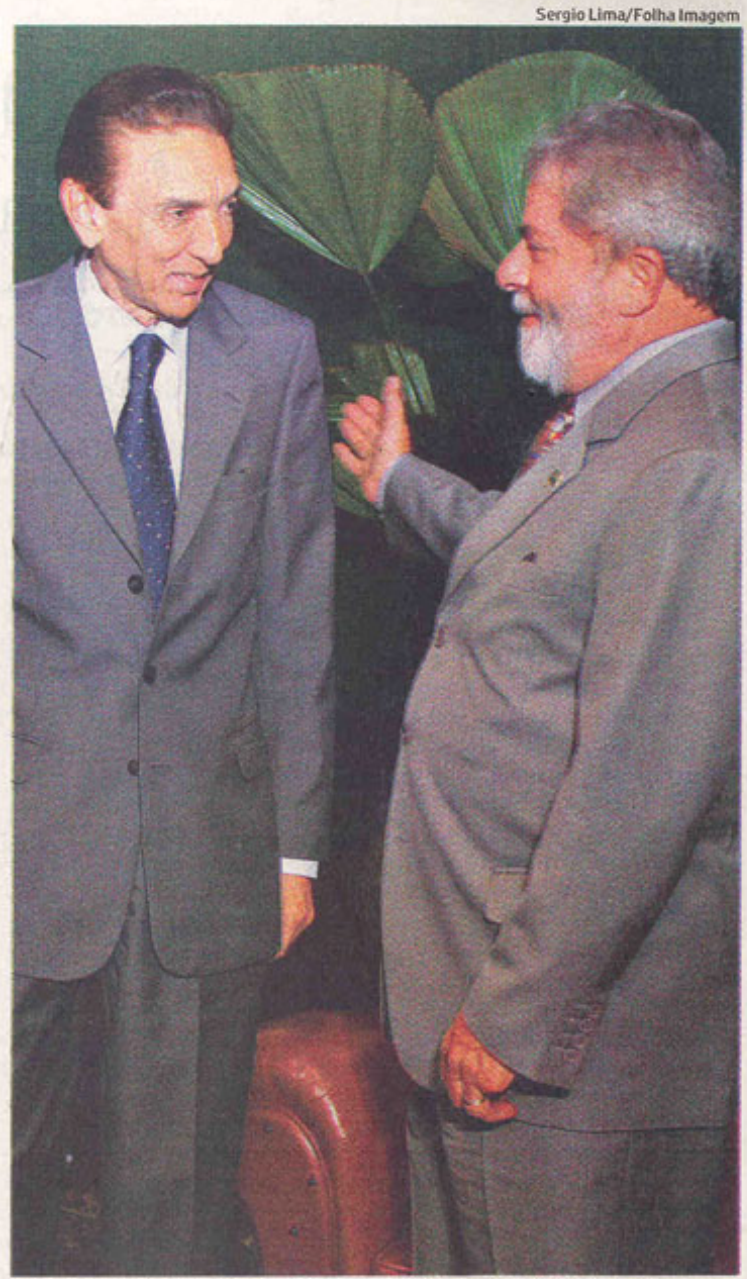
FOLHA - Houve confusão na audiência com Lula? O sr. foi chamado, mas depois foi remarcado?

LOBÃO - Não houve exatamente confusão. O presidente chegou cansado [de Cuba] e aventou a hipótese de adiar para hoje [ontem]. Depois, ele mesmo encontrou uma possibilidade e me chamou.

FOLHA - Para o senhor, um ministro não precisa ter conhecimento profundo do setor?

LOBÃO - Qualquer cadeira ministerial é exercida politicamente. É da natureza.

Colaborou HUMBERTO MEDINA, da Sucursal de Brasília



O novo ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, e Lula

Ministro já tem nomes para nova equipe

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Mesmo antes de tomar posse —o que deve ocorrer na segunda-feira—, o novo ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, já falou em nomes para assumir cargos, em entrevista no ministério.

Citou Miguel Colasuonno, economista e ex-prefeito de São Paulo (1972-1974), e Márcio Zimmermann, engenheiro, atual secretário de Planejamento Energético do ministério e técnico do setor.

Colasuonno é filiado ao PMDB, já foi aliado de Paulo Maluf e hoje é mais ligado a Michel Temer, presidente nacional do partido, e ao ex-governador paulista Orestes Quércia.

Zimmermann é um técnico de confiança da ministra Dilma Rousseff (Casa Civil) e já esteve cotado para assumir o ministério, quando o ex-ministro Silas Rondeau renunciou ao cargo. Agora, pode ocupar o cargo de secretário-executivo, o segundo posto mais importante no ministério.

Apesar de já falar em nomes para a equipe, o novo ministro disse que o ministério não foi entregue como "porteira fechada" (com todos os cargos do setor junto). Segundo Lobão, as diretorias das estatais poderão ficar com outros partidos da base aliada, não necessariamente apenas com o PMDB.

"Miguel Colasuonno é um administrador de grande prestígio no Brasil. Ele tem condições de fazer parte de uma equipe de governo. Poderá vir a ser aproveitado em um órgão qualquer do ministério de Minas e Energia", disse Lobão.

A ida para o ministério é um prêmio de consolação para Colasuonno, que queria mesmo era assumir a presidência da central de abastecimento de São Paulo, a Ceagesp. O problema é que o grupo ligado ao deputado federal petista João Paulo Cunha, que controla o órgão, bateu o pé.

Na semana passada, Cunha e Temer conversaram

em Brasília com o ministro das Relações Institucionais, José Múcio, e acertaram que o Ceagesp continuará petista e que o peemedebista irá integrar a equipe de Lobão.

Questionado sobre a manutenção de Márcio Zimmermann no ministério, Lobão disse que ele já ocupa um cargo importante e poderá mudar de posição. "É um dos nomes que estão cotados para a secretaria-executiva", afirmou. "Portanto, haverá um 'upgrade' para ele, se ele for nomeado."

Lobão disse que o presidente Lula deu liberdade para a formação da equipe e que Dilma Rousseff não pediu a manutenção de nenhum secretário.

"Esse ministério não será de porteira fechada. O ministro é do PMDB, muitos cargos serão ocupados por técnicos indicados pelo PMDB, mas haverá também diretores de estatais de outros partidos", disse.

Hubner

O ex-ministro interino de Minas e Energia, Nelson Hubner, continuará no governo federal, a pedido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ele não aceitou ficar como secretário-executivo de Edison Lobão para dar mais liberdade ao novo ministro.

"Vocês [jornalistas] iam falar 'tá vendo, o ministro assumiu mas não assumiu, porque o secretário-executivo é o que era ministro, é do grupo da ministra Dilma'. Isso não é bom. Ele [Lobão] tem toda a condição de ter uma gestão profissional e boa no ministério", afirmou Hubner, outro técnico do setor ligado a Dilma Rousseff.

Hubner não informou para onde irá, mas o governo poderá encaixá-lo em uma estatal do setor, assessorando a Casa Civil, ou na EPE (Empresa de Pesquisa Energética). Na Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica), só abrem vagas em janeiro do ano que vem, quando vence o mandato de Jerson Kelman e Hubner passará a ser forte candidato à vaga.

(HUMBERTO MEDINA)

Colaborou FÁBIO ZANINI, da Sucursal de Brasília

➔ LEIA MAIS em Brasil

GOVERNO: NOVO MINISTRO ADMITE REAJUSTE NAS TARIFAS DE ENERGIA

O novo ministro Edison Lobão (Minas Energia) admitiu ontem que as tarifas de energia elétrica no país podem sofrer pequeno reajuste no fim do ano. "Se houver, [será de uma] diferença mínima", disse ele. Esse aumento já havia sido admitido pelo ministro interino, Nelson Hubner. O ministro disse ainda que pelas providências tomadas a tendência é que este ano não surjam problemas no setor. "Hoje estamos tomando providências com vistas a 2009", afirmou.